

ELIZABETH  
FREMANTLE

INTRIGAS  
*da* CORTE



*O jogo de poder e traição de  
duas irmãs na corte Tudor*

Tradução  
ANDRÉ FONTENELLE

BR  
BR  
BR  
BR

Copyright © 2014 by Elizabeth Fremantle

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Sisters of Treason

CAPA Claudia Espínola de Carvalho

FOTO DE CAPA © Lee Avison/ Trevillion Images

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Giovanna Serra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Fremantle, Elizabeth

Intrigas da corte / Elizabeth Fremantle ; tradução André Fontenelle. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2017.

Título original: Sister of Treason.

ISBN 978-85-8439-055-7

1. Ficção histórica inglesa 2. Hertford, Katherine Seymour, Condessa de, 1540-1560 — Ficção 3. Irmãs — Inglaterra — Ficção 4. Mary I, Rainha da Inglaterra, 1516-1558 — Ficção I. Título.

---

16-09232

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.editoraparela.com.br](http://www.editoraparela.com.br)

[atendimentoao leitor@editoraparela.com.br](mailto:atendimentoao leitor@editoraparela.com.br)

# Prólogo

*Fevereiro de 1554, Torre de Londres*

*Levina*

Frances está trêmula. Levina a toma pelo braço, segurando-a com firmeza. Um vento desagradável assovia ao passar por entre os galhos secos das árvores, atingindo em cheio os vestidos das mulheres, levantando as toucas e fazendo com que o laço no pescoço ficasse ainda mais apertado. No céu invernal, manchado de cinza como o interior de uma ostra, a torre branca se destaca como uma silhueta sombria. Uma legião silenciosa se acumula em volta do cadafalso, esfregando as mãos e batendo os pés para espantar o frio. Dois homens passam com um carrinho de mão, mas Levina não os nota, pois seu olhar está no alto, na direção de uma janela no lado oposto do pátio, onde acredita ter identificado a silhueta de uma pessoa.

“Céus”, murmura Frances, levando a mão à boca. “Guildford!”

Levina olha e compreende na mesma hora. Dentro do carrinho há uma carga ensanguentada: o corpo de Guildford Dudley. A respiração de Frances fica mais rápida e entrecortada. Seu rosto empalidece, adquirindo não uma cor branca, como seria de esperar, mas esverdeada. Levina fica à sua frente e a segura pelos ombros, estreitos como os de uma criança. Ela encara Frances enquanto diz: “Respire fundo, respire fundo”. A própria Levina faz isso, na esperança de que a outra imite sua inspiração lenta. Não dá para imaginar como se sente uma mãe que, impotente, vê a filha de dezessete anos morrer.

“Não posso entender por que Mary...” Ela faz uma pausa para se corrigir. “Por que a rainha não permite que a vejamos... Que digamos adeus.” Seus olhos estão vermelhos.

“O medo a tornou impiedosa”, diz Levina. “Deve enxergar conspirações em toda parte, até mesmo entre uma mãe e a filha condenada.” Ela estende a mão a seu galgo, Herói, acariciando a topografia acidentada do dorso, sentindo a pressão aconchegante do focinho contra o vestido.

Levina recorda o dia, menos de um ano antes, em que pintou Jane Grey em suas vestes reais. Ficara impressionada com a intensidade do olhar da moça, seus olhos escuros e arregalados salpicados de castanho, o pescoço alongado e as mãos delicadas, que no conjunto conspiravam para conferir-

-lhe simultaneamente um ar de força e fragilidade. “Pintar” talvez não fosse bem o termo, pois ela mal tivera tempo de traçar o esboço e bater o pé de carvão da tela antes que Mary Tudor e seu exército chegassem a Londres para tomar o trono da prima mais nova, que hoje encontrará a morte no cadafalso. Foi Frances Grey quem ajudou Levina a destruir a tela e queimá-la na lareira, junto com o esboço. A roda da fortuna tem girado com rapidez na Inglaterra nos últimos tempos.

Levina vira a cabeça e percebe a chegada de um grupo de religiosos católicos. Entre eles está Bonner, o bispo de Londres, gordo e pegajoso como um bebê deformado. Ela o conhece muito bem de sua própria paróquia, onde é famoso pela brutalidade. Em seu rosto há um sorriso arrogante, de quem parece satisfeito ao ver uma jovem perder a cabeça. Para ele, é um triunfo. Tudo o que Levina quer é arrancar aquele sorriso da cara dele. Ela chega a imaginar a marca avermelhada que deixaria na bochecha e a prazerosa ardência na palma da mão.

“É Bonner”, ela sussurra. “Não se vire. Se os olhos dele encontrarem os seus, talvez queira vir cumprimentá-la.”

Frances assente e engole em seco. Levina a leva para longe daqueles homens, de modo que tenha menos chance de os encarar. Não são muitos os que vieram para ver a morte da moça que foi rainha por alguns dias; não as centenas que diziam ter assistido ao fim de Ana Bolena, aquela cuja morte inaugurou a moda de decapitar rainhas. Hoje ninguém vai perturbar a condenada, horrorizados como estão, à exceção de Bonner e sua claque, mas nem mesmo eles seriam tão rudes a ponto de exhibir abertamente seu contentamento. Levina pensa na rainha no palácio, imaginando como poderia retratá-la. Devia estar cercada das mulheres mais chegadas a ela, orando. Mas em sua imaginação a rainha está sozinha, na vastidão de sua sala de vigília quando lhe avisam que uma de suas primas mais novas e estimadas foi assassinada a seu mando. O olhar em seu rosto não é de triunfo cuidadosamente reprimido, como o de Bonner, nem de medo, embora devesse ser, afinal de contas faz poucos dias que um exército rebelde tentou, sem sucesso, depô-la e levar ao trono sua irmã Elizabeth. Não, seu rosto pequeno está tão inexpressivo quanto uma folha em branco, e seu olhar parece morto, distante, como se a carnificina tivesse acabado de começar.

“Isso é obra do pai dela”, resmunga Frances. “É inevitável culpá-lo, Vina... Ele e sua ambição insana.” As palavras saem cuspidas como se tivessem gosto ruim. Levina lança mais um olhar na direção da janela da torre, imaginando se a figura que observa dali é o marido de Frances, pai de Jane, Henry Grey, que aguarda a sorte dos traidores. O carrinho de mão se detém ao lado de uma construção menor, a certa distância. O condutor se inclina para conver-

sar com um homem, dando a impressão de estar matando o tempo, como se não transportasse um jovem esquartejado. “É um castelo de cartas, Vina. Um castelo de cartas.”

“Pare, Frances”, diz Levina, passando o braço pelo ombro da amiga. “Desse jeito você vai enlouquecer.”

“E a rainha, onde está sua misericórdia? Temos o mesmo sangue. *Elle est ma première cousine; on était presque élevée ensemble.*”

Levina a aperta em silêncio, com ainda mais força. Frances parece sempre esquecer que ela entende pouco francês. Levina nunca questionou por que, sendo inglesa até a raiz dos cabelos, Frances dá preferência a esse idioma, cada vez menos em voga na corte. Supõe que tenha algo a ver com sua mãe, uma Tudor, viúva de um rei francês.

Então um homem se aproxima delas. Sua capa sopra ao vento e lhe confere um ar de morcego. Ele se detém diante das mulheres, curvando-se educadamente, tirando o bonete e torcendo-o nas mãos.

“Milady”, diz, batendo os calcanhares. “Sir John Brydges, lugar-tenente da Torre.” Os modos austeros fazem Levina supor que ele seja de fato um soldado; mas a formalidade termina aí. “Meu sentimento está consigo, milady. Minha senhora e eu...” Ele vacila, mostrando um leve tremor na voz. “Ao longo dos últimos meses, nós nos afeiçoamos à sua filha. Ela é uma moça notável.”

Frances parece um náufrago, incapaz de formular uma resposta. Apenas toma uma de suas mãos e concorda vagarosamente.

“Está quase na hora de a levarem.” Sua voz se reduz a pouco mais que um murmúrio. “Posso conceder-lhes um momento juntas. Ela se recusou a ver o marido antes que ele...” O homem pensa “morra”, mas tem o bom senso de não concluir a sentença. “Ela chamou a senhora.”

“Leve-me até minha filha”, Frances balbucia com esforço.

“É necessária a mais alta discrição. Não desejamos atrair atenção.” É uma referência clara a Bonner e sua matilha de cães católicos. “Devo ir agora. Siga-me dentro de instantes. Entre pelos fundos da outra construção.” Ele acena para uma casa pequenina incrustada sob a Torre do Sino. “Aguardarei as senhoras ali.”

Ele se vira para ir embora e depois de algum tempo as mulheres fazem o mesmo, dando a impressão de estar buscando abrigo do vento. A porta baixa, que elas fecham atrás de si, obriga-as a se curvar sob o lintel. Os olhos demoram um instante para se adaptar à escuridão. No outro extremo há mais uma porta, e Levina pondera se devem entrar, supondo que a iniciativa tem de ser dela, já que Frances parece incapaz de tomar qualquer decisão. Ela se aproxima, e a porta se abre rangendo, então Brydges espia pela fresta. Ao ver

as duas, ele a abre um pouco mais e revela Jane, vestida de preto da cabeça aos pés, com dois livros nas mãos pequenas e pálidas. Ela dá um sorriso e diz “*Maman!*”, como se aquele fosse um dia qualquer.

“*Chérie!*”, exclama Frances, e elas caem nos braços uma da outra. Frances sussurra sem parar: “*Ma petite chérie*”. O francês empresta dramaticidade ao instante, como se fosse parte de uma encenação. Levina também se espanta ao ver que Jane parece mais maternal que Frances; tão ativa, tão no controle de si.

Levina dá um passo para o lado, virando-se por uma questão de decoro. Não que as duas dessem a menor impressão de notar sua presença.

“Sinto muito, *chérie*... Sinto tanto, tanto.”

“Eu sei, *maman*.” Jane se solta do abraço, recompondo-se e alisando o vestido. “*Ne vous inquiétez pas*. Deus me escolheu para isto, irei de bom grado até Ele, como enviada de uma nova fé.”

Nada mais resta da menina que poucos meses antes Levina viu desenhando; diante delas está uma mulher elegante, refinada, serena. Ocorre a ela, numa dolorosa ironia do destino, que Jane Grey teria se tornado uma rainha muito melhor e mais sensível que Mary Tudor jamais será. Se o povo pudesse vê-la agora, jamais pensaria em levantar um exército para depô-la e instalar no trono a prima católica.

“Se eu tivesse um pouquinho que fosse da sua coragem...”, murmura Frances.

“Chegou a hora, *maman*”, diz Jane, fitando Brydges, que concorda com ar solene. Ela entrega então um dos livros a Frances, sussurrando: “Dentro há uma mensagem para você e uma para Katherine. A dela está escrita nas próprias páginas, pois do contrário certamente a perderia. Minha irmã nunca foi de se agarrar às coisas”. Ela ri, com um tilintar que quase arranca um arremedo de sorriso de Frances. Por um instante, elas ficam tão parecidas que a própria Levina se surpreende sorrindo. Mas a risada de Jane desaparece tão depressa quanto surgiu, e ela acrescenta: “Proteja Katherine, *maman*. Tenho medo de que ela não suporte isso tão bem”.

Levina se dá conta da terrível inevitabilidade de a irmã caçula de Jane se tornar o novo alvo das conspirações reformistas — certamente vão querer depor Mary Tudor e colocar no trono alguém da própria fé —, como uma fileira de dominós, prontos a cair um depois do outro.

“E Mary? O que direi a ela?”, diz Frances, referindo-se à mais nova das três irmãs.

“Mary é esperta. Meus conselhos não se fazem necessários para ela.” Sua mão treme, frágil como um passarinho. A porta se fecha atrás dela. Jane se foi. Segurando firmemente o livro, Frances estica o braço livre para se apoiar na parede.

“Venha”, diz Levina, agarrando seu ombro e levando-a para fora, de volta para o vento e para o cadafalso que a espera, onde há um pouco mais de gente, mas longe de ser uma multidão.

Então eles surgem — primeiro Brydges, de rosto pálido, depois o católico que não conseguiu convertê-la, ambos com os olhos baixos. E eis Jane, ereta e destemida, o livro de salmos erguido aberto diante de si, os lábios se mexendo em oração, ladeada por duas mulheres que mal conseguem segurar as lágrimas. A cena fica gravada na mente de Levina: o preto profundo do vestido em contraste com as pedras castanhas da Torre ao fundo; o jeito como o vento ergue os barrados das vestes, como se fossem sair voando; as damas à beira das lágrimas; a palidez perfeita da pele de Brydges; a serenidade no semblante de Jane. Levina sente o impulso de registrar a cena numa tela. Uma rajada forte de vento derruba um galho de uma árvore próxima, tão perto de Bonner e seus comparsas que eles se afastam, pulando para trás. Levina fica pensando em quantos ali desejaram, como ela, que o galho atingisse um alvo menos sólido.

Jane Grey sobe os poucos degraus e se perfila para falar diante do público. Está tão perto que Levina seria capaz de tocar a barra do vestido preto caso esticasse o braço, mas o vento carrega para longe as palavras da moça, e apenas alguns fragmentos alcançam seus ouvidos. “Como inocente, lavo minhas mãos...” Ela faz o gesto, esfregando as mãos diminutas. “Morro como verdadeira cristã e não espero minha salvação por nenhum outro meio a não ser a misericórdia de Deus.” Ela se agarra até o fim à nova fé, e Levina pensa que gostaria de ter uma pitada daquela fortaleza inexpugnável.

Quando termina, Jane se livra do vestido, entregando-o às damas, e desata a touca. Ao tirá-la da cabeça, os cabelos lindamente esvoaçam, como se fossem elevá-la aos céus. Jane se volta para o carrasco. Levina supõe que ele lhe implora perdão, mas não dá para ouvir as palavras que trocam. No rosto dele se nota um transtorno absoluto, indicando que aquilo horroriza até o algoz. A única que parece inteiramente senhora de si é Jane.

Ela pega a venda de uma das damas e, recusando ajuda com um leve aceno da cabeça, amarra-a nos olhos, para depois se ajoelhar, apertando as mãos com força e murmurando uma prece. De repente, encerrada a oração, sua altivez parece ir pelos ares, pois ela se debate às cegas à procura da pedra, incapaz de encontrá-la desprovida da visão. Isso faz Levina pensar em um filhote recém-nascido, as pálpebras ainda coladas, na busca desesperada de sua fonte de carinho.

Todos a observam, mas ninguém se mexe para ajudá-la. Estão paralisados de horror ao ver aquela jovem tateando alguma coisa em um mundo de trevas. Mal se ouve qualquer ruído; até o vento diminuiu, virando um

sussurro de morte, como se os céus estivessem prendendo a respiração. Jane ainda procura pela pedra, agitando os braços no vazio. Levina não consegue mais se conter e sobe desajeitadamente no cadafalso para guiar ao devido lugar aquelas mãozinhas geladas, de criança; lágrimas molham seus cílios quando ela volta à companhia de Frances, pálida de espanto.

E logo tudo está acabado, num brilho de aço e num jato de púrpura vivo. Frances cai nos braços de Levina, que a mantém de pé, tapando seus olhos enquanto o carrasco segura pelos cabelos a cabeça de Jane Gray, como prova de que fez seu trabalho. Sem saber por quê, Levina olha para cima, mas o que enxerga não é a realidade, e sim uma cena concebida em sua imaginação: a rainha no lugar do carrasco, os dedos envolvendo os cabelos ensanguentados da jovem prima, o rosto plácido, alheio ao jorro sanguinolento em seu vestido. A cena é silenciosa, a não ser pelas rajadas desesperadas de vento, que voltou como em protesto.

Levina dá um passo para o lado e vomita na sarjeta.



I

A RAINHA MARY

*Julho de 1554, Palácio Episcopal, Winchester*

*Mary*

“Sente-se quietinha, Mary Grey”, diz a sra. Poyntz, com firmeza na voz e nos dedos. “Não fique nervosa.”

Ela puxa meu cabelo, com força excessiva, para fazer os laços. Minha vontade é gritar para que pare e não me toque mais.

“Pronto”, acrescenta, cobrindo minha cabeça com a touca e amarrando-a em meu queixo. Com as orelhas tampadas, posso ouvir o barulho do mar, como na concha enorme que costumávamos levar ao ouvido em Bradgate. Eu me pergunto onde ela foi parar, agora que Bradgate não é mais nossa casa. “Magdalen vai ajudá-la a pôr o vestido.” A sra. Poyntz me dá um leve empurrão na direção da moça de cabelo escuro, que faz um muxoxo e uma cara feia.

“Mas eu ainda não...”, começa Magdalen.

“Faça o que estou dizendo, por favor”, ordena a sra. Poyntz, com uma voz tão firme quanto o espartilho sob minha roupa. A moça faz uma careta e troca olhares com a prima Margaret, ao seu lado.

À nossa volta, uma bagunça: vestidos transbordando de baús; toucas penduradas em vigas; joias largadas descuidadamente sobre os móveis; o ar recendendo a uma dúzia de perfumes diferentes. Mal é possível mover-se sem levar uma cotovelada no olho, de tão apertadas que estamos, as moças se debatendo para pegar suas coisas. *Maman* tem tão pouco espaço quanto nós, compartilhando um quarto com mais cinco damas, mas pelo menos tem uma porta. O quarto das damas de companhia, onde catorze de nós pernoitamos, não passa de uma área separada por uma cortina na extremidade de um corredor. A sra. Poyntz passou a manhã inteira enxotando os pervertidos que esperavam espiar as moças mais velhas trocando de roupa.

Entrego meu vestido a Magdalen, que o estende e diz, fazendo careta: “Como é que *isto* cabe em você?”. Ela o sacode com a ponta dos dedos, afastado do corpo.

“Esta parte”, explico, apontando a gola alta costurada especialmente para mim, “entra por aqui.”

“Por cima da sua corcunda?”, diz Magdalen, caindo na gargalhada.

Não posso chorar. Eu me pergunto o que minha irmã Jane faria. *Agente firme, Ratinha*, ela diria. *Não deixe que ninguém saiba o que você sente.*

“Não sei por que a rainha ia querer uma criatura dessas no casamento dela”, sussurra Magdalen à prima Margaret, alto o bastante para que eu ouça.

Tenho medo de acabar chorando e piorar as coisas. Por isso, conjuro a imagem de Jane. Lembro que certa vez ela disse: *Deus escolheu fazer você de certo jeito, e não pode ser sem motivo. Aos olhos d’Ele, você é perfeita — e aos meus também.* Mas sei que não sou perfeita; meus ombros são tão curvados e minha coluna é tão torta que parece que me deixaram muito tempo pendurada em um gancho pelo pescoço. Sou pequena como uma criança de cinco anos, apesar de ter quase o dobro de idade. Na minha cabeça, Jane pressiona o punho contra o próprio peito e diz: *Além disso, o que importa é o que existe aqui dentro.*

“Mary Grey tem mais direito que você de comparecer ao casamento”, diz Jane Dormer, a ama favorita da rainha. “O sangue dela é azul.”

Magdalen resmunga: “Mas o conjunto é muito mal-ajambrado”. Bufando, ela começa a atar meu vestido.

O preço do matrimônio foi a vida de minha irmã; tudo obra da rainha. Embora já tenham passado cento e sessenta e quatro dias desde que Jane foi assassinada (marco cada um que passa em meu caderno), a sensação de perda não começou a esvanecer — e acho que nunca começará. Sou como uma árvore fulminada por um raio no parque de Bradgate: queimada por dentro, oca e enegrecida.

É pecado odiar a rainha como eu odeio — pecado e traição. Mas a fonte do ódio não seca dentro de mim. *Não deixe que ninguém saiba o que você sente.*

“Você está pronta”, diz Magdalen, virando-se.

Ela apertou tanto o vestido que me sinto um pombo recheado, pronto para ir para a grelha.

“Elizabeth irá ao casamento?”, pergunta a prima Margaret.

“É claro que não”, responde Magdalen. “Está trancafiada em Woodstock.”

“Coitadinha”, diz Jane Dormer, e um silêncio pesado cai sobre nós. Talvez estejam todos pensando em minha irmã Jane e no que pode vir a acontecer às moças que se aproximam demais do trono. Na parede da longa galeria de Whitehall havia um retrato de Elizabeth, mas agora resta apenas um retângulo escuro.

Uma ideia me preocupa: a de que minha irmã Katherine possa ter se tornado uma dessas moças.

“Dizem que Elizabeth não pode nem passear sozinha pelos jardins sem um guardião”, sussurra Magdalen.

“Chega desse disse me disse”, ordena a sra. Poyntz. “Onde está sua irmã?”

“Katherine?”, pergunto, sem saber a quem ela se dirige — o cômodo está repleto de moças.

“A senhorita tem outra ir...” Ela para. Lembrou-se, suponho, de que Jane morreu. É mais simpática comigo, inclinando a cabeça e passando a mão em meus ombros ao dizer: “Este vestido tem um corte lindo, Mary. Fica bem nele.” Magdalen faz uma vozinha de quem fala com um bebê.

Percebo o asco dela por trás do sorriso e a forma como limpa na saia a mão que me tocou. Não digo nada. Então ela pede a Jane Dormer que vá buscar Katherine, que coisa boa não deve estar fazendo.

Noto o Novo Testamento grego de Jane em meio à pilha de objetos de Katherine. Levo-o para o corredor, abrindo onde está escrita a carta, na parte interna da capa, não para lê-la, mas para olhar para a caligrafia delicada de Jane. Está tudo gravado no meu coração:

*Cara irmã, este é o livro da lei do Senhor. É o testamento e a última vontade que Ele legou a nós, miseráveis, e que há de guiá-la no caminho da alegria eterna. Se tiver inclinação para lê-lo, há de conduzi-la a uma vida imortal e perene. Há de ensiná-la a viver e a morrer.*

Tentei entender por que não havia uma carta para mim. Por que Jane escreveria para Katherine, incentivando-a a ler aquele livro, se posso garantir que minha irmã mal consegue entender grego? Sou eu quem compreende o idioma; era eu quem costumava escutar Jane lendo sua Bíblia todos os dias, enquanto Katherine corria atrás de cachorrinhos jardim afora e fazia cara feia para as apostilas do padre. Digo a mim mesma que Jane devia ter achado que eu não tinha necessidade de orientação. Mas, embora saiba que é indigno e além de tudo um pecado, sinto inveja de Katherine, não por ela ser bela como um riacho no verão, e eu, torta como uma árvore numa espaldeira, mas por Jane ter escolhido escrever para ela.

“Mary, vamos caminhar um pouco?” É Peggy Willoughby quem diz isso, então me pega pela mão e me leva aos claustros que margeiam o jardim. Tem chovido forte, dando a tudo aquele aroma fresco de terra das tempestades de verão. Empoleiradas num banco de pedra coberto, tomamos o cuidado de não molhar os vestidos, pois a água mancharia a seda e nos deixaria em maus lençóis com a sra. Poyntz. Somos as caçulas; Peggy, que toma conta de *maman*, é só um ano mais velha que eu, embora tenha mais de uma cabeça de altura de vantagem. Ela tem os traços finos, nariz arrebitado e olhos redondos e vivos, mas o lábio superior é dividido em dois, e seu jeito de falar é esquisito.

“Como você acha que ele é?”, pergunta Peggy, referindo-se ao prometi-

do da rainha, o príncipe Felipe da Espanha. Faz dias que só se fala disso no quarto das damas.

Dou de ombros. “Você viu a pintura.”

Todos vimos o quadro pendurado em Whitehall e o modo como aqueles olhos fundos parecem seguir você, de onde quer que se olhe. Só de pensar me dá arrepios. Ele porta uma armadura negra e polida, dourada aqui e acolá, e meias mais brancas que penugem de ganso. Katherine e a prima Margaret contemplaram o quadro enquanto ele era pendurado, cutucando uma à outra. “Olha só essas perninhas, tão finas”, disse a prima Margaret. “E o volume da braguilha?”, acrescentou Katherine, provocando risadinhas abafadas.

“Mas o que eu quis dizer é”, continua Peggy, “será que ele vai trazer a *Inquisição*, como andam espalhando?” Ela pronuncia aquilo como se a palavra estivesse em chamas e fosse preciso cuspi-la para não queimar a língua.

“Ah, essa história”, digo. “Quem sabe?”

“O que é, exatamente, essa *Inquisição*?”

“Não sei direito, Peggy”, digo. É mentira. Eu *sei*, porque *maman* me explicou. É quando as pessoas são caçadas e queimadas vivas por sua fé. Mas eu não quero amedrontar Peggy, que já é dada a ter pesadelos. Se tivesse a menor ideia do terror que, segundo *maman*, bate à porta da Inglaterra, não pregaría o olho à noite. “Enquanto formos boas católicas, nada temos a temer.”

A mão se move na direção do rosário que pende de sua cinta. Peggy é tão católica quanto eu, ou seja, nem um pouco, mas todos temos de aparentar ser, pois nossa vida depende disso. É o que *maman* diz.

“É por isso que a rainha não admite Elizabeth na corte? Porque ela não aceita a fé católica?”

“Como posso saber?”, digo, lembrando-me de minha irmã morta e pensando se Elizabeth terá o mesmo destino e, depois dela, Katherine. Mas reprimo esse pensamento antes que tome conta de mim.

“Você nunca sabe de nada.”

Minha intenção é exatamente fazê-la achar isso, mas a verdade é que eu sei demais. Presto atenção a tudo o que os adultos acham que sou incapaz de entender. Sei que o embaixador da Espanha quer se livrar de Elizabeth, assim como aconteceu com Jane. Também sei que a rainha ainda não chegou ao ponto de condenar a própria irmã. Mas pensávamos que o mesmo se passaria com Jane, que era uma de suas primas favoritas. Aquilo me faz perceber que, embora eu saiba muita coisa, há ainda mais coisas que não sei. Mas tenho certeza de que a Inglaterra não deseja esse casamento espanhol e tem grande receio daquilo que pode acarretar. “Você me ajuda a soltar o vestido?”, peço a Peggy, para mudar de assunto. “Está insuportavelmente apertado.”

Peggy solta um pouco os nós, aliviando a dor nas minhas costas. Observo um melro que pega alguma coisa com o bico amarelado, saltitando entre as pedras com pernas tão finas que é espantoso que sustente o próprio corpo. Quando sai voando rumo ao céu, lembro-me de Miosótis, o periquito azul da rainha, criatura magnífica condenada a passar a vida à toa numa gaiola, repetindo palavras que não compreende.

“Você não pensa às vezes que os animais devem ter alma?”, pergunto.

“*Eu não*”, ela responde. “Isso é profano.”

Sinto vontade de perguntar se ela não fica em dúvida se Deus existe de fato. Peggy ficaria chocada em saber que eu já tive esse tipo de pensamento. Com certeza sentiria necessidade de dedurar isso, nem que fosse pela minha salvação. Imagino o horror no rosto da sra. Poyntz. Sabe-se lá o que poderia acontecer. Estou criando a convicção de que a fé só pode ser sincera depois de ser totalmente questionada. Mas ideias como essa são heréticas. Disso eu sei. Nos recantos da minha mente, sinto Jane me cutucando. Será que algum dia ela duvidou da própria crença? Se o fez, nunca admitiu. Não, acho que Jane tinha fé do mesmo modo que Katherine tem amor: edificada em pedra, como a casa de que fala a Bíblia.

*Você está ao lado de Deus?*, pergunto em silêncio à minha irmã morta, enquanto sinto um sopro frio tocar a pele do meu rosto.

“Vamos embora”, diz Peggy, “a sra. Poyntz vai querer saber o que estamos fazendo.”

### *Katherine*

“Harry Herbert, Harry Herbert, Harry Herbert, Harry Herbert...” Susurro esse nome sem parar enquanto corro em torno do pequeno lago. O solo está alagado e a barra encharcada da saia bate nos meus tornozelos.

“Lady Katherine, Katherine Grey”, chama Jane Dormer dos degraus. Faço de conta que não ouvi.

“Harry Herbert, Harry Herbert, Harry Herbert.” Junto ao coração, de baixo do espartilho, guardo uma lembrança: uma fita comprida de cetim que Harry Herbert me deu para usar como amuleto em nosso casamento. Era azul bem claro, da cor da água, mas não é mais, porque de tanto carregá-la comigo adquiriu um tom cinza como as telhas, os paralelepípedos ou os cabelos de uma velha duquesa. “Harry Herbert, Harry Herbert, Harry Herbert.” Tento concentrar nele todos os meus pensamentos, de modo que não sobre em mim espaço para pensar no meu pai ou na minha irmã, de quem sinto falta como se houvesse um buraco bem no meio do meu corpo.

Lembro, com uma pontada de culpa, o ciúme que sentia de Jane. As pessoas viviam me dizendo que ela era maravilhosa, tão inteligente, tão graciosa, um exemplo. Eu tinha tanta inveja que parecia que minha cabeça ia se desprender do pescoço. Agora sinto profundamente sua falta e não consigo nem pensar nela, porque tenho medo de sucumbir à dor. Preciso direcionar o pensamento para outras coisas. Afinal de contas, tenho catorze anos, e as moças da minha idade devem pensar em amor, não é? “Harry Herbert, Harry Herbert, Harry Herbert.” Além disso, todos dizem que *eu* sou a mais bonita da família, e, considerando o destino de minha pobre irmã, prefiro mil vezes isso a ser o exemplo.

Abro bem os braços e começo a girar, fingindo não escutar Jane Dormer, que, segurando com raiva a saia nos punhos cerrados, desce os degraus em minha direção. Enquanto giro, olho para o céu. O sol parece uma moeda de prata atrás de uma nuvem branca. “Harry Herbert, Harry Herbert.” Tento imaginar o rosto de meu marido, mas faz tanto tempo que não o vejo, sete meses inteiros, que sua imagem feneceu e virou pouco mais que uma vaga impressão. Lembro-me, porém, de seu cheiro de amêndoa. A primeira vez que pus meus olhos nele foi no dia do casamento. Tudo aquilo me dava muita raiva, eu não queria me casar de jeito nenhum; ainda sofria por causa da atração reprimida por meu primo. Hoje mal consigo lembrar a aparência dele, eu que um dia achei que fosse morrer de tanta saudade.

Jane sempre dizia que eu era sentimental demais e que isso ainda me levaria à ruína se não tomasse cuidado. Mas não consigo evitar. Quem pode resistir a essa sensação, o rodopio, o enlevo, a tontura do amor? Foi o que senti da primeira vez que olhei para Harry Herbert em seu gibão verde de seda, combinando com os olhos brilhantes postos em mim. Quando vi o sorriso satisfeito de aprovação de Harry Herbert, meu pobre primo caiu no esquecimento.

Jane Dormer se aproxima. Paro de girar e tenho de segurar o braço dela para recuperar o equilíbrio. A cara de pelo-amor-de-Deus em seu rosto me faz gargalhar até perder o fôlego. “Não sei do que tanto ri, Katherine.” Ela para, desviando os olhos dos meus, e leva o punho à boca, como se quisesse impedir que mais palavras saíssem dela.

“Estou comemorando o casamento da rainha.” Tenho a impressão de que até mesmo Jane concordaria com isso.

Na verdade, ela não é tão má. Só é muito diferente de mim.

“A sra. Poyntz me pediu para vir buscá-la. Temos de nos apressar, porque a senhorita ainda precisa colocar sua melhor roupa.” Ela pega meu braço e me conduz ao jardim.

“Harry Herbert irá ao casamento.”

“A senhorita não está sonhando *de novo* com ele, está? Harry Herbert nem é mais seu marido... Nunca chegou a ser, na verdade.”

Pelo modo como suas bochechas coram, entendo que o que ela quer dizer é que o matrimônio não se consumou. Verdade seja dita, não tenho certeza. Essa é a versão oficial, é claro — que, embora eu tenha vivido por cerca de um mês sob o teto dos pais dele, ainda éramos crianças e, por esse motivo, ficamos separados. Quando começou toda a confusão e Jane foi trancada na Torre, os Herbert tentaram manter distância dos Grey, e por isso fui mandada, donzela pura de treze anos, de volta à casa de minha mãe. Mas houve ocasiões em que conspiramos para fugir de nossas babás e passarmos sozinhos alguns momentos roubados. Quando penso nisso agora, suas mãos exploradoras, sua língua em minha boca, sinto meu ventre revolver como se uma víbora se desenrolasse dentro dele. Não sei se isso significa que nosso casamento se consumou; só sei que ele pôs os dedos nas minhas partes úmidas.

São coisas de que falamos bastante no quarto das damas à noite, mas nenhuma de nós sabe com certeza o que acontece no leito nupcial. Diz a prima Margaret que o homem precisa tirar sua mangueira. Tenho quase certeza de que a de Harry ficou guardada — mas, no escuro, quando se está naquele mexe e remexe todo, é difícil ter certeza. Magdalen Dacre conta que se pode engravidar com um beijo, se a língua entrar o bastante, já Frances Neville garante que basta um moço tocar em você lá embaixo. Todas nós já vimos os cães acasalando no jardim; mas talvez a maioria das moças não consiga acreditar que Deus nos faria agir como animais a fim de gerar filhos. Embora eu nunca vá admitir diante delas, há algo de estranhamente excitante nessa ideia.

“Oh, querida, olhe meus sapatos!” digo, percebendo as pontas esfarrapadas aparecendo sob a barra da saia ao subir os degraus. Eram meus sapatos preferidos para dançar. Agora a cor vermelha vazou das flores de seda para o couro pálido, virando uma mancha suja e granulada. Lamento ter sido tão descuidada com algo tão precioso.

“Estão estragados”, diz Jane Dormer, e sinto meus olhos arderem em lágrimas inexplicáveis.

Dois homens passam, vestidos formalmente à maneira espanhola. Tudo está tomado por espanhóis. Os dois têm pele castanha e olhos escuros, que nos inspecionam rapidamente. Gostam do que veem, a julgar pelo sorrisinho nos lábios do mais atraente. Eles se inclinam e tiram o bonete. Jane não ergue o olhar na direção deles, mas eu ofereço a mão, que infelizmente é agarrada pelo feioso, dando a impressão de querer engoli-la inteira.

Por que homens são assim quando estão em dupla? Quando um é in-



interessante inevitavelmente está acompanhado por outro que não é. O feioso tem um ar de cão faminto e, embora eu seja apaixonada por cães (apaixonada demais, dizem, já que tenho cinco), esse sujeito não me agrada, nem seu olhar de cobiça. O outro não é tão jovem, deve ter uns trinta e cinco anos, mas está belíssimo em suas roupas e é muitíssimo bem-apessoado, embora me dirija um olhar superficial e comece a fitar Jane. Os olhos dela continuam modestamente presos ao chão, enquanto os *dele* passeiam por ela como peixes-voadores.

“É um belo tecido”, digo a ele, passando o dedo levemente pela manga púrpura, numa tentativa de chamar sua atenção.

“*Gracias.*” A resposta é protocolar e ele mal me volta os olhos. É como se estivesse firmemente preso à magia de Jane Dormer, pois enfim ela lhe permitiu ver de relance os olhos castanhos e doces na brancura de neve de seu rosto. É como se não conseguisse se desgarrar deles, o que me obriga a reconhecer minha derrota. Mas desisto alegremente, porque Jane Dormer não tem um fio de maldade em si.

“A senhorita faria a *chentilessa* de permitir que *yo* me *apressente*?”

Leva uma eternidade até ele conseguir botar para fora essas palavras, e tenho de fazer força para segurar o riso, mas Jane, a encarnação do autocontrole, levanta os olhos brevemente e diz, sem qualquer sombra de hilaridade no rosto: “Seria um prazer”.

“Gómez Suárez, conde de Feria”, ele anuncia com outra reverência, maior que a primeira.

De tão estupefata que Jane fica, contenho minha vontade de rir e digo: “Milorde, esta é Jane Dormer e eu sou Lady Katherine Grey”.

“*Xeine Dorma*”, diz ele, e do meu nariz escapa outro sopro de riso, mas ele parece nem notar minha indelicadeza, pois continua a fitar Jane como se fosse a própria Virgem Maria. “*Delectata*”, prossegue ele, em latim.

“*Ego etiam*”, diz ela.

Lamento não ter prestado mais atenção às minhas aulas. Quando eu reclamava que não entendia nada e até minha irmã caçula, ainda bebê, era mais inteligente que eu, minha tutora dizia: “Não se preocupe, a senhorita é tão bonita que isso não vai fazer diferença”.

“*Si vis, nos ignosce, serae sumus*”, acrescenta Jane Dormer, tomando-me pela mão e fazendo menção de partir.

“*Vos apud nuptias videbo*”, diz Feria. A única palavra que eu entendo é “*nuptias*”, que significa “núpcias”.

Chegando ao corredor, dou um cutucão em Jane e sussurro: “Parece que alguém gosta de você”.

“Nem todo mundo pode ser seu”, responde, sorrindo timidamente.

“Não, com certeza ele é seu.”

Jane me conhece bem e sabe que quero que todos me desejem. Não consigo evitar. É isso que me impede de pensar em tudo o que prefiro esquecer. Volto meus pensamentos para Harry Herbert e sinto a excitação tomar conta de mim com a ideia de revê-lo. Sei que faz parte do séquito inglês de Felipe da Espanha e fico contente por ter combinado de pegar emprestados os sapatos de sola de madeira de Magdalen Dacre, que vão me deixar mais alta. Diz ela que é impossível andar com eles de maneira digna, mas treinei a manhã inteira, corredor acima e abaixo, até me acostumar, e quero crer que vou me sair muito bem. “Harry Herbert, Harry Herbert, Harry Herbert”, murmuro, enquanto corro para as dependências das damas de companhia para me trocar.

Quando chego aos aposentos da rainha, prendendo apressada a touca ao entrar, estão todas quase prontas para sair. Susan Clarencieux berra ordens, ditando a suposta posição de cada uma no cortejo. Como sempre, há quem brigue para ir à frente das outras. *Maman* acena para que eu e Mary fiquemos no começo, atrás dela e da condessa de Lennox, outra prima da rainha do lado dos Tudor, mas prima Margaret começa a criar caso, querendo ficar ao meu lado. Ela passa à frente de Mary, e eu, para defender minha irmã, dou-lhe um safanão, uma encarada e, fingindo não perceber, uma pisada no dedão, o que deve doer bastante por conta da sola de madeira. O tempo todo penso que, se Jane estivesse ali, *ela* seria minha parceira, e Margaret estaria com Mary. Isso me embrulha por dentro, ainda mais quando lembro que meu pai tampouco estará na catedral, paramentado com suas jarreteiras e resplandecente. Pensar nele é insuportável. Respiro fundo para conter as lágrimas, mordo as bochechas e comprimo os lábios. “Harry Herbert, Harry Herbert, Harry Herbert.”

Horas depois, todos já saciados pelo banquete, as mesas são tiradas e a música começa. Os espanhóis estão reunidos num dos lados do salão, quase sem sorrir, como se preferissem estar em qualquer outro lugar. Os ingleses, agrupados de maneira hostil do outro lado, os observam. Parece mais um campo de batalha que um banquete matrimonial. O rosto de Habsburgo do novo consorte da rainha está carrancudo, porque seus talheres eram de prata, e os dela, de ouro. De qualquer forma, sua figura é inegavelmente bela, e me pergunto como a rainha, que parece perdida dentro de seu rebuscado vestido de casamento e sob o peso de suas joias, fará para prender a atenção de seu jovem marido.

Pela milésima vez na mesma noite, Harry Herbert me procura com os olhos. Ele sopra um beijo para mim. Faço de conta que o peguei e o aperto contra o peito. Ao longo de todo o banquete, enquanto fingíamos orar para que a rainha dê à Inglaterra uma sequência de herdeiros, trocamos olhares.

Harry estava lá quando cheguei aos degraus da catedral e mal pude resistir à vontade de abandonar o cortejo e correr em sua direção. Ele afastou dos olhos a franja negra e ondulada e me deu um sorriso quando passei; achei que fosse desmaiar.

Os homens se alinham diante das mulheres para a dança, e vejo que Harry Herbert se aproxima de mim, mas o pai dele o agarra pelo pulso e o arrasta para dançar com uma das moças da família Talbot. Para piorar, fico alinhada com o amigo de Feria, que desconhece os passos e me faz rodopiar o tempo todo para o lado errado. É bem verdade que estou sofrendo com os sapatos, que me esfolaram os calcanhares. Por isso, peço licença assim que o decoro permite, deixando a prima Margaret ser abordada pelo espanhol feioso, e sento-me ao lado de Mary, que está completamente só. Nem amarradas as damas de companhia ficariam com ela, à exceção da leporina Peggy Willoughby, que já foi para a cama. Foi só quando chegamos à corte que me dei conta de que Mary era diferente — claro que eu *via* que ela era torta, mas em casa ninguém nunca dera importância a isso; era simplesmente Mary, nossa Ratinha. Aqui, porém, eu descobri que tinha de defendê-la das damas, mais nocivas que um ninho de cobras.

Mary encosta a cabeça na parede e boceja, dizendo: “Quem me dera poder me recolher”. Sinto vontade de abraçá-la, mas sei que não gosta. Ela diz que foi repuxada demais a vida inteira por legiões de médicos e feiticeiras que a amarraram e esticaram, e prepararam ervas de gosto ruim para amolecer seus ossos, tudo na tentativa de endireitá-la. Depois vieram os padres e pastores com suas orações, incluindo um que tentou realizar um exorcismo na capela de Bradgate. Mary continuou igual. Engancho meu dedinho no dela, que é nossa forma de trocar um abraço.

Assisto a Harry Herbert dançar com Magdalen Dacre. Os dois riem de alguma piada. Não suporto observar, tampouco consigo tirar os olhos. Ele a pega pela mão e eu sinto um aperto por dentro.

“Tenho notícias”, diz Mary.

“Sobre?”

“Sobre *maman...*” Ela hesita, o que me faz pensar no pior. Não quero escutar, desejo tampar os ouvidos e cantarolar, com medo de que outra notícia ruim me faça desmoronar por completo.

“Não é nada ruim, é?”

“Não, é algo bom.” Ela ergue os olhos redondos e castanhos como os de um filhote de cervo na minha direção.

“O que é, então?” Harry Herbert está cochichando alguma coisa no ouvido de Magdalen, o que me faz tremer.

“Ela está planejando se casar.”

Agora ele a cedeu ao espanhol canino e emparceirou-se com a prima Margaret. Só então me dou conta do que Mary acabou de dizer. “*Maman*, casar? Não, é só uma fofoca, Ratinha.”

“Mas, Kitty, eu ouvi isso dos próprios lábios dela.” Por que é que *maman* tem de contar tudo primeiro a Mary? Agora os olhos castanhos parecem de fuinha, e o ciúme que sentia de Jane toma conta de mim. Faço força para me recordar de que essa é Mary, a aleijada, e não me quer mal. “Ela me disse que pretende desposar o sr. Stokes.”

“Adrian Stokes? Não pode ser. É o *cavalariaço* dela... nada além de um serviçal. Além disso, a rainha nunca permitiria...”

“Ela já tem permissão”, interrompe Mary.

“*Maman* disse isso?” Sinto um zumbido na cabeça. A raiva que borbulha dentro de mim quando penso em meu pai maravilhoso e depois naquele João-ninguém que cuida dos cavalos. “Como pode?” A dor da falta que meu pai me faz é como uma facada nas minhas tripas. Eu era a favorita dele, que não conseguia disfarçar.

“Acho”, diz Mary em voz baixa, “que ela cansou. Disse que, casando com um homem malnascido, pode deixar a corte, e que poderíamos ir com ela, então estaríamos em segurança.”

“Em segurança!”, repito.

“E ela o ama, Kitty.”

“Isso não é possível”, respondo. “A mãe dela era irmã do rei Henrique, rainha consorte da França. Além disso, damas como *maman* não combinam com cavalariços.” Mas eu, mais que qualquer outra, deveria saber que o amor pode surgir em lugares inesperados e que numa prisão como esta a razão fica inteiramente de lado.

Não posso suportar a ideia de *maman* fora da corte, vivendo como uma dona de casa interiorana, não mais a duquesa de Suffolk, simplesmente a sra. Stokes — esse pensamento entra pelos meus poros como uma comichão. No fundo do coração, sei que devo desejar sua felicidade, mas não consigo. “E você vai embora com ela?”

“Não sei, Kitty. Talvez a rainha não permita; afinal de contas, sou o macaquinho de estimação dela.” Minha irmã diz isso com uma amargura pouco característica.

“Ratinha...” Sinto agora um acesso de carinho por ela. O ressentimento pela afinidade com *maman* desaparece quando me recordo da realidade da existência de Mary. “Venha, vou tirar você daqui e levar para a cama. Ninguém vai notar.”

“Olhe isso”, diz ela, levantando a barra da minha saia. “Seus pés estão em carne viva. A culpa é desses sapatos. Vou enfaixá-los para você.”

Por melhores que fossem minhas intenções, bem nessa hora aparece Harry Herbert, cheirando a amêndoa, passando a mão na minha cintura e sussurrando carinhosamente em meu ouvido: “Venha comigo lá para fora. Ninguém está olhando”.

Sei que devo recusar, dizer que tenho de levar minha irmã para a cama, que temos assuntos importantes a tratar; mas ele já me atraiu para seu mundo e não consigo me conter.

“É só um momentinho”, digo a Mary e me deixo conduzir, esquecendo o pé ensanguentado — esquecendo tudo.

Faz calor do lado de fora, e uma lua enorme derrama raios de prata no jardim.

“Toma”, diz Harry, entregando-me um frasco. Eu o levo aos lábios e dou um gole. O líquido queima minha garganta e me faz tossir. Dou risada, e ele também.

“Harry Herbert”, digo. “Harry Herbert. É você mesmo?”

“Sou eu mesmo, minha bela Kitty Grey.”

Tiro o bonete da cabeça dele e meus dedos correm por seus cabelos.

Estamos num jardimzinho fechado com sebes de tílias. Caímos na grama e seus dedos buscam meus laços. Sinto o gosto salgado de sua nuca. Sua mão está dentro do meu vestido.

“Ainda somos marido e mulher”, diz ele.

“Então não é pecado”, digo, rindo. “Que pena.”

“Menina travessa. Meu pai me açoitaria se nos encontrasse.”

Eu me livro da parte de cima do vestido e tiro a touca, deixando o cabelo solto na grama úmida e abrindo bem os braços. Ele está em cima de mim, sorrindo, prateado pelo luar.

“Desejei tanto você, Kitty”, ele murmura, com o hálito quente acariciando minha pele e os lábios se aproximando dos meus. Estou viva, enfim.

### *Mary*

Esperei uma eternidade por Katherine. Suponho que ela não vá voltar. Uma preocupação me incomoda lá no fundo, a de que esse Harry Herbert cause problemas a ela. Vejo que seu pai, Pembroke, busca por ele em meio aos pares que dançam. Tenho a impressão de ver a clara cabeleira dourada de Katherine perto da porta, em meio à multidão, mas estou enganada, pois quando a moça aparece por inteiro vejo que seus olhos não têm o brilho dos de minha irmã, nem os lábios são tão pequenos; é apenas uma moça que se parece um pouco com ela. Inteiramente só, sentada, eu chamo atenção, e